

A DOR E O TRAUMA NO ESCALPELAMENTO: EXPRESSÕES MELANCÓLICAS DE UM DESASTRE AMAZÔNICO

Jesiane Calderaro Costa VALE - jesianecalderaro@yahoo.com.br.

Psicóloga, Mestre em Psicologia e pesquisadora do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental-LPPF/UFPA; Conselheira do Conselho Regional de Psicologia – 10ª Região(Pará/Amapá).

Este trabalho apresenta o resultado parcial de um relato de experiência da assistência psicológica prestada pela autora, às vítimas de escalpelamento. Na Amazônia, os rios são estradas das populações ribeirinhas, sendo 71% destes, navegáveis, e o barco é o instrumento de deslocamento. Também existem duas estações ano, verão e inverno. No inverno, as chuvas são abundantes, e as águas sobem até o assoalho das casas, feitas em madeira, denominadas de palafitas, que se adequam ao período. Quando chega o verão, o sol com todo o seu vigor reabilita as terras que estavam submersas. Foi neste cenário que o desastre aconteceu. O Sr.João, decidiu dar uma volta, em seu barco na companhia dos seus 04 filhos. Tinha o objetivo de aproveitar o bom tempo trazido pelo verão, além de que era um domingo, um dia de festividade religiosa e, ainda iria jogar futebol, em um terreno no povoado vizinho, onde a água já havia estiado. Como de costume, saíra pilotando o seu barco, estavam todos como família, um instante eternizado de alegria. Entretanto, após o passeio e o jogo de futebol, retornando para a sua localidade, cansados, agasalharam-se no chão do pequeno barco, para um cochilo. Fôra aí, que sua filha, de pseudônimo Soraia, a menorzinha das suas 03 adolescentes, a de pele morena, mais bronzeada, se deitara também. Ela era magrinha, parecia uma indiazinha, de cabelos lisos, longos e pretos, que caíam-lhe pelos ombros. Repentinamente o trágico invadiu a cena. Soraia teve abruptamente seus belos cabelos arrancados em frações de segundo. Era o escalpelamento.



O pai, homem experiente na arte da pescaria e da navegação, não sabia que atitude tomar, o que lhe cabia fazer. A força do motor com rotação estupenda, fôra parada pelo enovelamento e aderência dos cabelos, agora ensanguentados e enrolados ao eixo do motor. Para pai e filhos, era testemunhar o horror. Havia sido capturados pela cena traumática. O pai e filhos estavam terrivelmente marcados pelas lembranças, pela experiência de testemunhar aquele horror, envolvidos em dor, estavam também traumatizados. Para Cournut (1988, p.11) “O trauma é o momento onde se perde o paraíso, mas também aquele onde se tem uma experiência”. Posteriormente quando encontramos o pai, já no Hospital, o trauma lhe conduzia às lembranças, sempre com o tom de pesar, melancólico; seu assunto principal era frequentemente aquele trágico dia, que não precisava de esforço para se revelar, revelava-se no rosto sofrido, nos olhos marejados de lágrimas, no pouco desejo de viver. Os pensamentos lhe eram intrusos, terrivelmente marcados pela cena do trauma. Sr João continuou em acompanhamento psicológico enquanto sua filha permanecia em tratamento hospitalar-ambulatorial, depois retornou para seu município de origem. Concluímos ter sido a ocorrência do escalpelamento tão traumática que ficara navegando na memória daquele pai, afundado nas águas da melancolia. O trauma estava ali, naquele rio de memórias amazônicas, necessitando ser elaborado.

Palavras chave: Trauma, desastre, escalpelamento, Amazônia.